Resenha de MANNING, J. *The Open Sea*. The Economic Life of the Ancient Mediterranean World from the Iron Age to the Rise Rome. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2018. 414 p.

Helton Lourenço Carvalho•

Enviado: 26/06/2020
Aprovado: 30/09/2020

Joseph Manning é professor de História e Clássicos na Universidade de Yale onde ocupa a Cadeira William K. e Marylin M. Simpson. Além disso é pesquisador Sênior da Yale Law School. A área de interesse de suas pesquisas está concentrada nos estudos sobre História Antiga da Grécia, e mais especificamente sobre História do período Helenístico, História do Egito e História da Economia e da legislação na Antiguidade Clássica.[1] Suas publicações são majoritariamente especializadas sobre o período Helenístico com foco sobre a história econômica e legal do Egito Ptolomaico.[2] No entanto, suas pesquisas mais recentes têm se voltado para inter-relação entre Paleoclimatologia e a história econômica do mundo antigo. Este interesse é parte de uma pesquisa maior em conjunto com outros pesquisadores que procuram analisar o impacto das erupções vulcânicas na bacia do rio Nilo. O objetivo que transita entorno desta pesquisa reside em avaliar os impactos inter-regionais das mudanças climáticas na bacia do Mediterrâneo. Inicialmente este estudo está focado no Egito durante o período Ptolomaico (305-30 a.C.), mas pretende expandir para outras regiões e períodos do mundo antigo.[3]

O livro de Joseph Manning intitulado *The Open Sea. The Economic Life of the Ancient Mediterranean World from the Iron Age to the Rise Rome*, em grande medida, é resultado deste novo interesse do pesquisador em relacionar a história ambiental com a história das instituições políticas, sociais e econômicas no mundo antigo. Como apontado no título de seu trabalho, o autor se propõe a

• É doutorando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGHIS/UFOP). É pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR/UFOP). Agradeço enormemente o Prof. Dr. Fábio Duarte Joly pela apresentação desta obra. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001". Contato: carvalhohl@hotmail.com

[1] https://history.yale.edu/people/joseph-manning

[2] Ver por exemplo: MANNING, J. *The Hauswaldt Papyri*. A Family Archive from Edfu in the Ptolemaic Period. Demotische Studien, Vol. 12. Würzburg, 1997, MANNING, J. *Land and power in Ptolemaic Egypt*. The structure of land tenure 332-30 BCE. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, e MANNING, J. *The last pharaohs. Egypt under the Ptolemies*, 305 – 30 BC. Princeton University Press, 2009

[3] https://www.yalenileinitiative.org/

analisar o recorte cronológico situado no intervalo entre o início da era do ferro, por volta de 1.000 a.C. à ascensão da hegemonia romana no Mediterrâneo com o objetivo de demonstrar que o avanço na Paleoclimatologia podem enriquecer a nossa compreensão sobre a economia antiga bem como as estruturas e as mudanças nas sociedades mediterrânicas. A estrutura deste livro é composta de duas partes principais. A primeira parte do livro que é intitulada *History and Theory* é voltada para a exploração de temas mais teóricos contendo a introdução e outros três capítulos. Já a segunda parte do livro nomeada *Enviroment and Intitutions* contém mais cinco capítulos e a conclusão e que explora a possibilidade da construção de uma narrativa do passado que inter-relacione a história natural como a história humana.

A primeira parte do livro inicia com a introdução. Nesta parte expõe algumas direções que serão seguidas ao longo dos demais capítulos. A saber, apresentar uma alternativa de análise crítica da economia antiga para além de um simples modelo estático. Para ele, o desenvolvimento econômico é resultado de um processo cultural acumulativo e que deve ser levado em consideração. Além disso, a ideia do autor é analisar a economia no primeiro milênio como um processo dinâmico, com intensas transformações e interações entre diversas regiões, portanto, que considere o desenvolvimento demográficos, os avanços tecnológicos, as mudanças institucionais e ecológicas.

No primeiro capítulo, *New Directions and Broader Contexts in the Study of Premodern Economies*, Manning destaca algumas perspectivas teóricas de análise da economia antiga para além da dicotomia presente no debate entre primitivistas versus modernistas ou formalistas versus substantivistas. Para o autor a radicalização destas interpretações levaram ao engessamento do debate sobre a economia antiga. Neste sentido, ele alerta que este tipo de análise acaba sendo infrutífero, uma vez que reduz um amplo recorte histórico e geográfico a uma única interpretação teórica. Para tanto, Manning aposta em uma saída teórica na abordagem da *New Intucionalism Economic*, modelo teórico este já apontado pelos editores da *The Cambridge Economic History of Greco-Roman Word*. New York, Cambridge University Press, 2008.[4] Contudo, o autor destaca outras duas áreas de estudo que combinadas com as análises neoinstitucionalistas podem contribuir para uma ampliação da compreensão da economia nas sociedade pré-moderna. A saber, a Teoria Evolucionária, e a Paleoclimatologia. A primeira derivada da teoria dos jogos, segundo ele nos permite compreender que determinadas estruturas são resultado de um longo processo evolucionário, acumulativo,

[4] Ver: SCHEIDEL, Walter; MORRIS, Ian; SALLER, Richard. Introduction. In*: The Cambridge Economic History of Greco-Roman Word*. New York, Cambridge University Press, 2008.

enquanto que os estudos, cada vez mais precisos, sobre o clima e as mudanças climáticas em períodos mais recuados podem contribuir para uma ampliação da compreensão de algumas ações sociais que podem ter sido estabelecidas não apenas por questões de ordem política ou social, mas também ecológica.

No capítulo seguinte, *Ancient Economies: Tacking stock from the Phoenician Traders to the Rise Rome* o objetivo do autor é argumentar a favor da superação dos estudos sobre a economia antiga de forma compartimenta, em blocos isolados baseados em modelos de estado-nação. Desta forma, Manning destaca que ao analisar a economia antiga nos deparáramos como elementos que transcende as fronteiras culturais de cada uma destas sociedades, tais como a migração, a expansão imperial, o comércio de longa distância e a competição "interestados". Neste sentido, rótulos como economia Clássica, Helenístico ou Greco-Romano acabam sendo insuficientes, pois estas interações econômicas são muito mais profundas e amplas do que geralmente estes recortes permitiam perceber. Sendo assim, para o autor cada um destes períodos é resultado de processos acumulativos decorrentes da intensificação da exploração material e das conexões na Era do Ferro. Deste modo, uma história econômica que permite perceber estas interações em uma escala mediterrânicas seria muito mais proveitosa para compreender tanto ao alcance da interação de uma determinada comunidade quanto da complexidade destas interações em uma escala maior e comparada com outras comunidades. Para Manning a principal dificuldade desta perspectiva está no fato de que as fontes são heterogêneas, material, literária) e irregulares sendo mais abundante em um período ou para uma civilização e escasso em outros, o que, no entanto, pode ser melhor analisado com um intenso processo de sistematização dos dados existentes.

No terceiro capítulo, *Bronze, Iron and Silver: Time, Space and Geography and Ancient Mediterranean Economies*, o último da parte teórica, Manning avalia em que medida a periodização tradicional estabelecida pelos estudos modernos ainda conseguem responder as questões voltadas para uma história das conexões no Mediterrâneo. Ademais, ele destaca que o foco nos estudos sobre o mundo Greco-Romano, acabaram por negligenciar a importância e o impacto de áreas como África e Ásia nas conexões e a economia na bacia mediterrânica na Era do Ferro. Neste sentido, o autor chama a atenção para a necessidade da identificação de novas fronteiras de tempo e espaço, o que inclui compreender o desenvolvimento das instituições, a evolução dos estados, o impacto do meio-ambiente, intercâmbio cultural e a mudança climática sob os humanos que habitavam esta região para enfim ampliar nosso entendimento da economia pré-moderna.

A segunda parte do livro que explora a relação entre meio-ambiente e história se inicia como o capítulo *Agriculture and Labor*. A ideia que perpassa neste capítulo é de que, embora sejam os elementos chave para a compreensão da economia antiga, a relação entre a agricultura e o trabalho não podem ser reduzidos a um único modelo explicativo. Para ele a organização do trabalho, a escolha dos produtos e o modelo de produção, a distribuição e controle da terra estavam relacionada com a variabilidade climática de cada região. Neste sentido, coexistiam diferentes regimes de trabalho, de controle das terras e de produção agrícola, diferindo enormemente de uma modelo estático de produção ou homogêneo ecologicamente.

O capítulo seguinte é intitulado *The Boundaries of Premodern Economies: Ecology, Clima and Climate Change*. Neste capítulo o autor explora de forma mais detida a inter-relação entre a mudança climática e a (des) organização social. Sendo assim, ele sugere que as restrições impostas pelo meio-ambiente eram cruciais para o equilíbrio político e econômico nas sociedades antigas. Com isso ele chama a atenção para uma necessidade de se incorpora a narrativa dos eventos sociais, políticos e econômicos os dados sobre as mudanças climáticas, as doenças, as limitações geográficas impostas ao comércio, etc., devido aos avanços sobre os estudos e sistematização cada vez mais precisa sobre os dados da história ambiental. A título de exemplo, ele apresenta uma série de dados climáticos, incluindo os dados sobre as erupções vulcânicas com o objetivo de evidenciar que a desestabilização da dinastia Ptolomaica a partir do século III a.C. teria sido abalada por uma série de fatores sociais, mas também climáticos que afetaram a produção agrícola, o suprimento de alimentos, a elevação do nível de doenças e consequentemente a agitação social.

O sexto capítulo de *The Open the Sea* é o *The Birth of "Economic Man": Demography, the State, the Household, and the Individual* o autor discute brevemente sobre a questão demográfica. Para Manning embora seja consensual que o primeiro milênio a.C. tenha sido marcado pelo progressivo avanço demográfico, os dados para cada região em específico permanecem lacunares, portanto, hipotéticos. Além disso, ele ainda avalia a relação entre os *oikós* e a formação dos Estados. Sobre o primeiro, ele aponta sobre a necessidade de uma definição mais flexível que leve em conta as diferenças em sua composição, função e organização. Já sobre o Estado, ele argumenta em direção à uma análise mais equilibrada entre uma representação em que o Estado absorve e controlava todas as unidades privadas por meio se suas instituições, tal como proposto por Moses Finley, e entre aquelas que derivam do paradigma exposto por Peregrine Horden e Nicolas Purcell no *The*

Corrupting Sea, onde o Estado desaparece de suas análises, sendo a conexão no Mediterrâneo resultado exclusivo do empreendimento privado.

O próximo capítulo, sétimo do livro, é nomeado *The Evolution of Economic Thought in Ancient World: Money, Law and Legas Institutions*. Neste capítulo, Manning desenvolve a ideia de que o conceito de moeda, o processo de monetização da economia, a complexificação das leis e um maio desenvolvimentos das instituições legais com seus códigos registrados por escrito são resultados de um maior intercâmbio intercultural entre as comunidades que compartilhavam a abacia do Mediterrâneo no primeiro milênio a.C. Estes dois elementos importantes, a moeda e os códigos legais, portanto, são parte de um mesmo processo, pois, as instituições legais eram as principais responsáveis pela distribuição dos recursos econômicos, pela concessão do direito à propriedade privada e a organização das demais atividades econômicas.

No oitavo capítulo intitulado *Growth, Innovation, Markets and Trade*, Manning relaciona o crescimento da performance econômica, tal como proposta pela *New Institucionalism Economic*, como o chamado "Classic Optimum" que teria proporcionado do ponto de vista climática uma estabilização ecológica ocasionando um aumento populacional e na qualidade de vida entre 400 a.C. a 200 d.C. Este período de crescimento, calculado em 75% se comparado com outros períodos na Antiguidade, contudo, deve ser compreendido como um crescimento acumulativo. Neste sentido, partindo de dados da arqueologia e da presença de chumbo nos núcleos de sedimentos polares, Manning procura demonstrar que rotas complexas de comércio integrava não apenas as regiões em volta da Bacia do Mediterrâneo, mas regiões no interior da África e do Oriente Próximo. Mudanças no padrão de consumo, melhorias tecnológicas de navegação e armazenamento seriam alguns dos fatores que colaboram com a tese do aumento da performance econômica. Contudo, o que Manning procura evidenciar é que a existência de redes complexa de comércio privado coexistia com a presença dos Estados. O suprimento de grãos, e o abastecimento alimentar, por exemplo, nas cidades eram, sobretudo, capitaneados pelos Estados. Embora o comércio tenha sido um propulsor do intercambio no cultural, da ampliação das redes de contato, a formação dos Estados foi de suma importância na regulamentação, fiscalização e estabilizador em períodos de crise. Para Manning, a "formação de um estado imperial", tal como proposto por Walter Scheidel para analisar o crescimento da economia romana é uma chave de leitura que deve ser ampliada para contemplar o período helenístico, sendo, portanto, a hegemonia romana posterior herdeira de um processo acumulativo da coexistência entre o comercio, o mercado e o Estado.

O último capítulo do livro é dedicado a conclusão. Para tanto, Joseph Manning retoma alguns temas centrais que subsidiam os elementos teóricos da obra. Um dos elementos principais advogado por ele é sobre a construção de uma narrativa que inter-relacione os elementos ambientes com as instituições. Retomando uma diferença proposta pelos autores do *The Corrupting Sea*, Manning aposta para uma história tanto *do* quanto *no* Mediterrâneo, ou seja, que combine os elementos ecológicos com elementos sociais, políticos e econômicos. Desta forma, o estudo da economia antiga deve ser compreendido de forma compartimentada e interrelacionado com as questões politicas as mudanças culturais, para além de ser meramente uma linha sucessiva de desenvolvimento. Por fim, o estudo da Paleoclimatologia, para o autor, pode ser entendido como um novo paradigma explicativo para a interação entre as diversas regiões, suas dinâmicas e modelos.

O livro de Manning ainda conta com um apêndice contendo alguns dados climáticos além de indicar algumas leituras importantes com relação aos temas apresentados ao longo de seu trabalho. Em suma, o livro de Manning tem muito a contribuir com os debates já em curso sobre os processos de (des) integração no Mediterrâneo. Um elemento importante, de fato, é a incorporação dos dados climáticos em sua obra. Contudo, um outro ponto que nos parece pertinente, é a incorporação de zonas pouco exploradas a partir desta perspectiva de integração, como, por exemplo, a inserção do Egito e do Oriente Próximo em suas análises sobre a economia no primeiro milênio antes de nossa era.